PROJETO GERAÇÃO

# QUALIFICAÇÃO DE AGENTES LOCAIS DE TURISMO CULTURAL E CRIATIVO

VOLUME 2

# Nosso Lugar

REALIZAÇÃO

**MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE), POR INTERMÉDIO DO PROGRAMA MANUEL QUERINO DE QUALIFICAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL (PMQ), E UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB).**

**MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE**

MINISTRO DE ESTADO DO TRABALHO E EMPREGO
Luiz Marinho

SECRETÁRIO DE QUALIFICAÇÃO E FOMENTO À GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA
Magno Rogério Carvalho Lavigne

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE QUALIFICAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL
Cristina Kavalkievicz

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO TRABALHO E EMPREGO NA BAHIA
Fátima Maria Andrade Freire

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB**

REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
Georgina Gonçalves dos Santos

VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
Fábio Josué dos Santos

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA
Danillo Barata

OBSERVATÓRIO DA INCLUSÃO E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA – DIVERSIFICA

COMITÊ GESTOR
Paulo Gabriel Soledade Nacif
Luciana Alaíde Alves Santana
Everson C. de A. Meireles
Dinalva Melo do Nascimento

**PROJETO GERAÇÃO**

COORDENADOR GERAL
Paulo Gabriel Soledade Nacif

COORDENADORA ADJUNTA
Ronalda Barreto Silva

COORDENADOR PEDAGÓGICO
Francisco José Carvalho Mazzeu
(Universidade Estadual Paulista Júlio Oe Mesquita Filho – UNESP)

EQUIPE TÉCNICA
Ádramo Costa da Silva
Gregório Ferreira da Silva Júnior Caires
Amanda Almeida

ASSESSORIA DE IMPRENSA E GESTÃO DE REDES SOCIAIS
FUNPRESS COMUNICAÇÃO INTEGRADA

REDE DE UNIVERSIDADES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA – IFB

APOIO INSTITUCIONAL
**SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DA BAHIA (SETUR)**

PRODUÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO
CRIA RUMO CONSULTORIA
Rejane Silva Mira
Ernesto Britto Ribeiro
Manuela Scaldaferri
Milena Rêgo
Elton Carlos R. de Almeida
(Design gráfico)

# Sumário


## Preparem-se para uma viagem no tempo! ..... 7

## A Visita à Comunidade Quilombola ..... 9

- Pra te inspirar: ..... 17
- Vamos nos inspirar: ..... 32

## Glossário ..... 34

## Referências ..... 38

# Preparem-se para uma viagem no tempo!

No Volume I da Coleção Nossa Geração, vimos que os povos e comunidades tradicionais possuem direitos e lutar para que sejam respeitados é dever de todos. Agora, convidamos vocês a explorarem um universo de possibilidades que une ancestralidade, respeito à cultura e empreendedorismo solidário. Juntos, vamos descobrir o potencial que temos para transformar essas histórias de resistência e a riqueza do nosso lugar em atrativos turísticos que tragam visitantes, gerando renda, mas também respeitem os saberes ancestrais, valorizem a identidade da comunidade e fortaleçam os laços com a nossa cultura. Vamos ver que o nosso lugar pode ser um grande patrimônio para gerar riqueza para nós e para a sociedade, além de garantir um espaço saudável para as gerações futuras.

Vamos te ajudar a descobrir e conhecer melhor as belezas naturais, culturais e históricas do seu lugar, compreendendo como usá-las para o desenvolvimento do turismo cultural e criativo. Você vai ver como fazer com que o turismo seja uma ferramenta poderosa para preservar o patrimônio da comunidade, gerar trabalho e renda e fortalecer as lutas sociais dos jovens, valorizar as raízes e costumes ancestrais. Você é o fruto do trabalho dos seus avós, bisavós, tataravós.... Essa História continua viva através de você.

Ao longo desta jornada, queremos que você reflita sobre sua própria identidade e sobre como você vê a comunidade em que vive. Quando você olha ao redor, o que você vê? Muitas vezes, temos coisas e lugares incríveis bem perto de nós, mas às vezes não damos o devido valor. Neste volume, vamos exercitar o nosso olhar para nosso lugar de origem e imaginar como ele poderia ser transformado pela nossa força e o nosso trabalho. Assim, vamos pensar como construir um futuro mais justo e sustentável. Como é o lugar que você gostaria de viver com seus familiares,

amigos, parentes e companheiros? Como o turismo pode ajudar a fazer esse sonho virar realidade? Com trazer turistas para o nosso lugar e ao mesmo tempo preservar o meio ambiente e fortalecer a comunidade? Para isso, é preciso buscar conhecimentos e práticas. O turismo é uma atividade que está crescendo no mundo todo e muitos turistas estão em busca de uma experiência de vida que não é apenas uma visita passageira, mas que crie uma conexão com pessoas e lugares. Com o turismo cultural e criativo contribuímos para a preservação do patrimônio cultural, valorizando a história, as tradições e os saberes ancestrais das nossas comunidades.

Junte-se a nós nessa jornada e faça a diferença. Descubra ou amplie o potencial turístico do lugar onde você vive!

# A Visita à Comunidade Quilombola

Depois de participar do Encontro de Economia Solidária, nosso grupo de companheiros decidiu visitar a comunidade quilombola onde Jamila morava. Carlos, da cooperativa de catadores aceitou dirigir, levando Luiza, Mel e Maiara. Ao chegarem à comunidade no meio da tarde, foram calorosamente recebidos pelos moradores, com café, bolo, raízes e suco de frutas da região. Era a maneira tradicional de acolher os visitantes.

A visita começou com uma caminhada guiada pela comunidade, onde os visitantes puderam ver de perto como a história não é apenas uma narrativa do passado, mas sim um fio condutor que forma a identidade da comunidade e impulsiona o turismo local.

A jovem quilombola Jamila começou explicando: “Nossa história é mais do que eventos passados; é a base de quem somos e do que fazemos hoje. É através dela que preservamos nossas tradições e fortalecemos a luta pelo nosso local e nossa cultura. Quando turistas chegam aqui, não estão apenas visitando um lugar, mas se conectando com décadas ou séculos de tradição. É como entrar numa máquina do tempo e descobrir um passado que ainda está muito presente.”

Enquanto caminhavam, passaram por um terreiro central, onde uma grande árvore se destacava. “Essa árvore é um marco da nossa comunidade, um símbolo de resistência. Debaixo dela realizamos festas e rituais, aqui as crianças brincam e aprendem os costumes do nosso povo e assim como nós ela tem muita força porque suas raízes são muito profundas. Nessa árvore nossos antepassados se reuniam

para tomar decisões importantes. Na sua sombra os avós contaram as histórias do cativeiro e da luta pela liberdade. Por aqui a história vai passando de boca em boca, de geração em geração, diferente das histórias que lemos nos livros. Não faz tanto tempo que chegou a luz elétrica e antes era em torno da fogueira e do lampião que as pessoas reuniam para conversar. É uma pena que agora alguns jovens ficam olhando o telefone celular e não vão saber como contar essas histórias para os seus filhos..."

Todos contaram de árvores, praças e outros marcos importantes para juntar as pessoas em suas comunidades. O que mais chamou atenção foi quando Mel explicou a origem do nome Favela, que todos pensavam que eram como bairros de pouca infraestrutura urbana, mas tem outro significado.

## Você sabia disso?

*Favela - "fava pequena" é uma planta também conhecida como mandioca-brava. Era abundante no morro que levava esse nome no local onde os seguidores do beato Antônio Conselheiro montaram seus assentamentos em Canudos, no interior da Bahia. Os sertanejos, revoltados pela miséria e fome, esperavam um milagre que os salvasse dos horrores do clima e da pobreza.*

*Os fazendeiros da região, temendo serem saqueados pelo crescente número de miseráveis, pressionaram o governo a tomar uma atitude. Foram enviados combatentes do exército brasileiro, que dizimaram os religiosos no episódio conhecido como a Guerra de Canudos.*

*Ao retornarem ao Rio de Janeiro, alguns dos soldados que participaram da guerra se instalaram em construções provisórias no Morro da Providência. Por ser um ponto elevado em relação à cidade, semelhante a Canudos, ou talvez pelas lembranças da vitória contra os religiosos, os novos moradores começaram a chamar o lugar de Favela.*

*O termo se espalhou pelo Brasil na década de 1920, como qualquer aglomerado de habitações improvisadas e sem infraestrutura.*

*Milhares de indígenas também migraram para a periferia das grandes cidades em busca de condições de sobrevivência, depois de terem suas terras invadidas e degradadas. Esses indígenas não aldeados lutam para manter sua identidade, conservando a língua, ritos e costumes e contando às novas gerações as histórias dos seus antepassados.*

***Saiba mais:*** *Migrações indígenas para as cidades: características e consequências*

Jamila comentou: "Ao criar roteiros turísticos que valorizam nossas narrativas, não só preservamos a memória de nossos antepassados, mas também fortalecemos nossa comunidade."

## Atividade prática:

*Identifique na sua comunidade uma árvore, praça, casa ou um outro local que tenha um simbolismo forte. Discuta o seu significado para os moradores e o que acontece nesse espaço. Avalie se está bem cuidado e o que poderia ser feito para melhorar. Como vocês apresentariam esse marco para um visitante? Que atividades poderiam propor para os visitantes fazerem lá, para que levem lembranças marcantes?*

## Você sabia disso?

*O uso da HISTÓRIA fortalece a identidade local, aumenta a união da comunidade e cria um senso de pertencimento. Também oferece aos visitantes experiências enriquecedoras, ampliando o conhecimento histórico e cultural sobre o nosso passado comum, como a escravização das mulheres e homens negros. Além disso, conhecer os marcos e símbolos ancestrais pode impulsionar a economia criativa. Esses símbolos podem se tornam marcas, logotipos, imagens para lembranças e artesanatos, gerando renda e valorizando essa cultura. Ao investir no estudo e conhecimento da sua própria história, as comunidades e povos tradicionais constroem um futuro mais sustentável e solidário.*

*A História é a ponte que liga o passado ao presente, permitindo que aprendamos com as experiências de nossos antepassados e construamos um futuro mais justo e informado. É o espelho que reflete a identidade de uma sociedade, revelando suas origens, seus valores e suas conquistas. Ela nos permite entender quem somos e de onde viemos e nos inspira a pensar para onde queremos ir.*

Enquanto o grupo caminhava pela comunidade quilombola, uma condutora local, Dona Maria, falou sobre quilombo: “No passado, após fugirem das senzalas e plantações, os africanos escravizados e seus descendentes criaram comunidades. Os quilombos eram locais de refúgio também para indígenas, mestiços, entre outros, de forma temporária ou permanente.”

Jamila completou: “Engana-se quem pensa só em fuga. Os quilombos eram e ainda são espaços de resistência. Essas comunidades são muito mal retratadas, como forma de minimizar a força do povo negro. Coisa do racismo estrutural.”

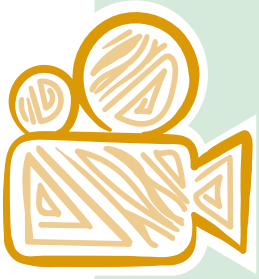
Dona Maria continuou: “E essa resistência persiste. Se pensarmos nas favelas de hoje, veremos que elas têm uma relação histórica com os quilombos. As favelas surgiram como espaços de moradia para aqueles que foram marginalizados pela sociedade, incluindo descendentes de quilombolas. Assim como os quilombos, as favelas são frequentemente condenadas e negligenciadas pelo poder público, mas são também locais de grande resiliência e organização comunitária.”

Carlos perguntou: “Então, podemos dizer que as favelas são uma espécie de quilombo moderno?”

Dona Maria respondeu: “De certa forma, sim. Ambos são frutos da luta por sobrevivência e dignidade em um contexto de exclusão social. Nos quilombos, a resistência era contra a escravidão e a repressão colonial. Nas favelas, a resistência é contra a desigualdade, a violência e a falta de acesso a direitos básicos. Em ambos os casos, vemos a força e a solidariedade das comunidades negras e marginalizadas.”

Luiza acrescentou: “É impressionante como a história se repete e como essas comunidades continuam a lutar por reconhecimento e justiça. A resistência dos quilombos, das aldeias e das favelas é um exemplo poderoso de como a luta pela dignidade humana é contínua.”

“E é por isso que é tão importante conhecer e valorizar a nossa história, nós povo tradicional, para entender a raiz de muitas das questões sociais que enfrentamos hoje e para reconhecer a força das comunidades que continuam a lutar por seus direitos”, disse Maiara com muita propriedade.



## Atividade prática:

*Assista o vídeo Estação Livre | Quilombos Urbanos, discuta com os colegas e escreva um texto sobre a questão: O que podemos aprender com os quilombos urbanos?*

Dona Maria seguiu contando um pouco da vida dela, que na adolescência foi estudar na capital. Naquela época o turismo que ela ouvia falar era diferente. “Antigamente, o turismo era muito voltado para as pessoas ricas irem para museus, parques, viajavam muito para fora do país em navios, para conhecer outras histórias e outros lugares, coisas que chamavam de cultura”, disse ela. “Mas agora, vejo que as pessoas estão cada vez mais interessadas em conhecer também a cultura das comunidades, como a nossa e outras.”

Maiara, curiosa, perguntou: “E por que você acha que isso está acontecendo, Dona Maria?”

Ela sorriu e respondeu: “As pessoas querem experiências verdadeiras, algo que não possam encontrar em nenhum outro lugar. Aqui, elas podem aprender sobre nossos saberes, nossos conhecimentos e práticas que recebemos e passamos para os nossos filhos. Isso é o que torna nosso lugar especial e único.”

Jamila acrescentou: “É como olhar para nossa carteira de identidade. Temos características únicas que nos definem, e isso é o que oferecemos aos visitantes. Eles vêm aqui para entender nossa identidade cultural, que é formada por nossa história, cultura, ancestralidade.”

Dona Maria concordou: “A ancestralidade é algo poderoso. Não podemos jamais esquecer todos aqueles que viveram antes de nós e nos deixaram tudo que encontramos nesse mundo. Os avós de nossos avós, e quem veio antes deles, até nossos pais...todos ajudaram a construir quem nós somos hoje. Durante muito tempo, muitos de nós fomos impedidos de acessar nossas raízes. Mas agora, há um movimento crescente de reconexão. Isso nos dá um senso de pertencimento e propósito.”

## Contextualizando...

A história escrita refere-se à documentação e registro dos eventos passados em forma de textos, como livros, documentos oficiais, cartas, diários, crônicas, e outros tipos de registros manuscritos ou impressos. Ela é uma das principais formas de preservar e transmitir o conhecimento histórico através das gerações. Durante muito tempo, apenas aquilo que estava registrado nos livros e pudesse ser comprovado era considerado de importância histórica. Grandes acontecimentos, como guerras e invasões recebiam mais atenção. Porém, hoje, a História é mais ampla e valoriza os saberes cotidianos, levando em consideração os conhecimentos passados de geração.

A escrita permite a elaboração de relatos detalhados e precisos sobre eventos históricos, incluindo datas específicas, nomes de pessoas envolvidas e descrições minuciosas das circunstâncias. Desta maneira, torna possível que pessoas de diferentes épocas e lugares tenham acesso ao conhecimento sobre culturas, sociedades e eventos passados, promovendo uma compreensão mais profunda do desenvolvimento humano ao longo do tempo.

Contar a história de uma sociedade é uma tarefa multifacetada que pode ser abordada através de diversas formas e métodos. Cada forma de contar história oferece uma perspectiva única e complementa as outras, ajudando a construir uma visão mais completa e rica do passado. Essas abordagens combinadas permitem que a história seja acessível, compreensível e significativa para diferentes públicos.

Algumas formas de registar a história:

- Memoriais, estátuas, placas, monumentos, museus, artefatos arqueológicos, como objetos e ruínas, assim como expressões artísticas como pinturas, esculturas, monumentos e edifícios,
- Expressões artísticas como música, dança e literatura. As fotografias, documentários e filmes são apresentam a vida em uma determinada época, combinando elementos visuais, sonoros e narrativos para contar a história.
- Literatura, ficção, romances histórico, contos, fábulas e obras de ficção que, embora inventadas, podem iluminar aspectos da vida social, cultural e política daquela época.
- Folclore e festas tradicionais, que mantêm vivas as histórias, crenças e valores de uma sociedade, muitas vezes através de celebrações comunitárias.
- Arquivos, bibliotecas digitais, blogs, podcasts e mídias sociais que incluem plataformas digitais que permitem a disseminação e discussão de histórias e eventos históricos de maneira acessível e interativa.

## Atividade prática:

*Faça uma pesquisa na sua comunidade para descobrir mais sobre a sua história e as fontes (formas de registro) que podem ser reunidas e consultadas para ajudar a contar essa história. Que tal juntar fotos, objetos antigos e outros bens da comunidade e criar um espaço para preservar essa memória?* ***Divulgue na internet o que encontrou.***

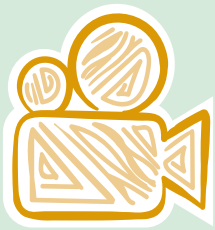
Maiara, olhando ao redor, disse: “Para muitos de nós, a terra é uma parte essencial de nossa ancestralidade. Ela é um legado, uma herança dos nossos antepassados e um lugar sagrado. Brigamos por ela, cuidamos melhor do que ninguém, pois nós temos amor pelo lugar no qual nascemos, crescemos, e mais ainda, nasceram e cresceram os nossos antepassados. É nela que fixamos nossas raízes. Se ela nos dá de tudo, como não zelar por ela?”

Dona Maria disse: “Exatamente! E é por isso que o turismo pode ser tão enriquecedor. Ele nos permite compartilhar essas nossas crenças com os visitantes, mostrando como nossa memória e história são tão vivas e importantes.” E todos aplaudiram!!!

## Pra te inspirar:

*Passeio pelo Parque Memorial Quilombo dos Palmares, em União dos Palmares (AL)*

---



*Conheça o bairro de Plataforma, em Salvador - Fala Bahia*

*Periferia não é só geografia*

*O sal do Aguapé*

*Turismo na periferia de São Paulo*

*Quilombo urbano, Aparelha Luzia completa um ano!*

*“Vozes Indígenas” histórias contadas por quem as viveu*

*Uma Bahia diferente*

Carlos comentou: “É incrível como essas histórias orais tornam tudo mais real e pessoal. Na escola, aprendemos história de um jeito diferente, mas aqui, parece que podemos sentir o que aconteceu. É incrível! Eu tinha aprendido na escola sobre a princesa que libertou os escravizados, mas não conhecia a história dos quilombos e o quanto seus antepassados lutaram para se libertar. E lutam até hoje contra os grileiros que querem tomar suas terras e contra o preconceito racial e ambiental!”

Jamila concordou: “Isso! A história oral nos permite manter viva a memória de nossa comunidade e nos ajuda a conectar com nossas raízes. É por isso que valorizamos tanto nossas festas, músicas e comidas típicas. Elas são expressões da nossa cultura e nos ajudam a compartilhar nossa identidade com o mundo.”

## Contextualizando...

A história oral é uma ferramenta essencial para preservar e transmitir conhecimento, desempenhando um papel fundamental na compreensão da experiência humana. Ao valorizar as vozes populares, captura-se as vivências, histórias e memórias de pessoas comuns, frequentemente esquecidas pelos registros escritos tradicionais. Isso assegura que as histórias de comunidades marginalizadas ou pouco documentadas sejam preservadas. Em diversas culturas, a história oral é o meio principal de transmissão de conhecimento, tradições, costumes e valores de uma geração para outra, ajudando a manter vivas práticas culturais que não são registradas por escrito.

Além disso, oferece uma perspectiva pessoal e emocional sobre eventos históricos, proporcionando uma visão mais profunda e pessoal do passado. Ela complementa os registros escritos, que frequentemente se concentram em fatos e eventos, mas podem negligenciar as experiências individuais. Portanto, é a guardiã das tradições e costumes de uma comunidade, transmitindo os valores e conhecimentos. Para a construção da memória coletiva é fundamental oferecer meios para que comunidades

marginalizadas preservem suas narrativas e tradições. Ao compartilhar suas experiências, essas comunidades fortalecem sua identidade e contribuem para uma compreensão mais rica e complexa da história, desafiando as visões hegemônicas.

Conversas profundas e significativas, nas quais os participantes são convidados a compartilhar suas memórias de forma espontânea e detalhada, oferecem uma rica fonte de dados podendo ser também um momento interessante para o turista.

Dona Maria concluiu: “Ao Dona Maria concluiu ao vivência nossas tradições e interagirem conosco, os turistas se tornam parte de nossa história. Isso fortalece os laços entre nós e eles, criando uma ótima e singular experiência para todos.”

Com essas reflexões, o grupo continuou sua visita, mais consciente de que a cultura e a ancestralidade merecem destaque na criação de experiências turísticas.

## Atividade prática:

*Você conhece a verdadeira história de sua comunidade? Há registros escritos? E orais? Contados por quem? Será que existe mais de uma versão? Já pensou em como a história de sua comunidade pode ser usada para promover o turismo? Faça uma entrevista com as pessoas mais antigas na comunidade e registre como elas contam a história do lugar.*

## Você sabia que...

*O Conselho de Patrimônio Histórico e Cultural de Capinópolis lançou uma revista em quadrinhos. Dê uma olhada para entender um pouco mais sobre patrimônio!*

À medida em que a visita à comunidade quilombola prosseguiu, o grupo teve a oportunidade de participar de diversas atividades que ilustravam a riqueza cultural e histórica do local. Eles se envolveram na produção de artesanato utilizando técnicas tradicionais passadas de geração em geração. Isso reforçou a importância dos saberes ancestrais como uma possibilidade de experiências nas comunidades tradicionais.

A experiência de amassar o barro e tentar várias vezes formatar algum objeto foi divertida e ao mesmo tempo desafiadora. Parecia fácil, mas precisava de técnica e prática, que os visitantes ainda não possuíam. Assim como alisar a peça para não ter nenhuma imperfeição, usando uma pedrinha, como colocar para secar, arrumar para fazer a queima, definir a temperatura adequada e a forma de acender o fogo, e depois como pintar as peças. Tudo sempre com muitas condições que dependem do tempo, da chuva, da lua, até do humor de quem está fazendo o trabalho. Muitas informações e risadas depois, o grupo seguiu.

Jamila disse: “Você sabia que muitas das técnicas que usamos na cerâmica foram aprimoradas com a ajuda dos indígenas? Quando nossos ancestrais chegaram aqui, eles trouxeram consigo conhecimentos valiosos, mas foi a troca com os povos indígenas que enriqueceu ainda mais nossas práticas.”

Maiara concordou: “Sim, a cerâmica é um excelente exemplo disso. Nossos povos já tinham uma longa tradição de trabalhar com barro, criando utensílios e artefatos. Quando nos encontramos com os africanos, houve uma troca de técnicas e conhecimentos. Por exemplo, o uso de certas ervas para dar cor ao barro e as formas de queima foram influências mútuas.”

“E não foi só na cerâmica. Muitos dos nossos remédios naturais e práticas agrícolas também são fruto dessa integração. A sabedoria dos nossos ancestrais africanos se uniu à sabedoria dos povos indígenas para criar um conhecimento ainda mais rico e adaptado a esta terra.” continuou Jamila.

Carlos, curioso, perguntou: “Então, essa integração de saberes é algo que continua até hoje?” foi Jamila quem respondeu: “Com certeza. Continuamos a compartilhar e aprender uns com os outros. É uma forma de manter viva a nossa cultura e de garantir que esses conhecimentos não se percam. A cerâmica que vocês estão fazendo hoje é um testemunho dessa herança compartilhada.”

Dona Maria completou: “E é por isso que é tão importante que vocês estejam aqui hoje, participando dessas atividades. Ao aprender e valorizar esses saberes, vocês ajudam a preservá-los e a reconhecer a importância das nossas culturas.”

Foram caminhando até a roça, onde eram cultivadas plantas típicas da região, muito consumidas pela população local. D. Maria explicou: “Aqui cultivamos mandioca, inhame, batata-doce e outras raízes. A melhor época para o plantio é durante a estação das chuvas, e a colheita ocorre alguns meses depois.”

Maiara e Carlos ficaram admirados com as técnicas de cultivo, que eram diferentes das que conheciam. Maiara comentou: “Na minha comunidade, usamos métodos diferentes para plantar e colher.”

Carlos acrescentou: “Essas práticas são passadas de geração em geração e se adaptam ao clima e ao solo de cada região.”

D. Maria sorriu e disse: “Essa sabedoria é fruto de muitos anos de observação e aprendizado. Nossos antepassados nos ensinaram a trabalhar com a terra de forma sustentável, respeitando os ciclos naturais.”

O grupo seguiu adiante e visitou uma casa de farinha, onde puderam observar o processo de produção da farinha de mandioca. Jamila explicou: “Depois de colher a mandioca, ela é descascada, ralada e prensada para retirar o excesso de líquido. Em seguida, a massa é peneirada e torrada em grandes fornos de barro.”

## Momento de reflexão e debate:

*Consegue identificar em seus costumes a herança dos seus ancestrais?*

*Quais saberes e fazeres aprendeu com seus familiares mais velhos? Quais saberes e fazeres você pretende ensinar para os mais novos? Você percebe que essas são as suas raízes? Compartilhe com sua turma.*

A habilidade e a precisão necessárias para cada etapa do processo, chamou atenção. "É um trabalho árduo, mas o resultado é uma farinha de alta qualidade." disse Jamila.

Depois, o grupo foi até um moinho movido por roda d'água, onde a cana de açúcar era moída para produzir vária coisas, como rapadura e melado. Dona Maria explicou: "Este moinho é movido pela força da água do rio. É uma técnica antiga que aproveita os recursos naturais de forma eficiente e sustentável."

Maiara, fascinada, comentou: "Na minha comunidade, usamos moinhos manuais. É incrível ver como a roda d'água facilita o trabalho e aumenta a produção."

Enquanto experimentavam o caldo da cana Luzia comentou: "Essa integração de técnicas tradicionais com o uso de recursos naturais é um exemplo perfeito de como podemos viver em harmonia com a natureza."

Mel levantou uma questão: "Essas práticas que vimos hoje também podem ser consideradas tecnologias sociais?"

Jamila assentiu: "Sim, Mel. As tecnologias sociais são desenvolvidas a partir das necessidades e conhecimentos das comunidades. Elas são sustentáveis e acessíveis. Por exemplo, o uso da roda d'água no moinho ou as técnicas de cultivo que respeitam os ciclos naturais são tecnologias das comunidades. Mas a universidade nos ajudou a aprimorar os fornos e os agrônomos do governo trouxeram mudas e sementes mais resistentes a pragas".

“Tive conhecimento desse termo “tecnologias sociais” quando fizemos um mutirão de construção, lá na comunidade e várias pessoas se uniram para reformar a escola e outros espaços comunitários. Não só reduziu os custos, mas também fortaleceu os laços sociais.”

Maiara acrescentou: “Além disso, muitas dessas tecnologias são passadas de geração em geração, mantendo viva a cultura e os saberes ancestrais. Elas não dependem de grandes investimentos ou infraestruturas complexas, mas sim do conhecimento e da cooperação comunitária.”

Carlos, refletindo, disse: “Nossa cooperativa de reciclagem, onde os moradores se organizam para coletar e reciclar materiais, gerando renda e promovendo a sustentabilidade ambiental, também é outro exemplo.”

“Conheço como exemplo os bancos comunitários, que são sistemas financeiros locais baseados na solidariedade e na cooperação, oferecendo microcréditos e serviços financeiros a pessoas que geralmente não têm acesso aos bancos tradicionais”, disse Luzia. E acrescentou: “Temos também as moedas sociais que são um tipo de dinheiro que circula no local, movimentando a economia e incentivando as trocas entre os próprios moradores.”

Mel encerrou o assunto dizendo: “É interessante como essas tecnologias sociais podem ser uma alternativa viável para muitas comunidades ao redor do mundo. Elas promovem o desenvolvimento sustentável e a inclusão social, algo que as tecnologias convencionais nem sempre conseguem alcançar.”

## Pra refletir:

*A sua comunidade utiliza alguma tecnologia social? Pesquise sobre esse conceito na internet e descubra se existem tecnologias que podem ajudar vocês a melhorarem alguma coisa no local em que vivem.*

No povoado, não havia restaurante. O almoço foi servido na casa de uma das moradoras, com pratos típicos preparados com ingredientes locais em panelas de barro que eles conheceram o processo de produção ali mesmo. Enquanto comiam, os visitantes ouviram histórias sobre o dia a dia no quilombo. A refeição não era apenas uma demonstração da culinária quilombola, mas também uma aula sobre como a geografia do lugar influenciava a dieta e as tradições alimentares. “Os ingredientes que usamos são aqueles que nossos antepassados cultivaram e que o solo e o clima daqui nos permitem produzir”, explicou uma das cozinheiras.

Após o almoço, o grupo foi levado a um mirante natural que oferecia uma vista panorâmica da região. Ali, a liderança quilombola falou sobre como as paisagens e o clima não apenas moldavam o dia a dia da comunidade, mas também ofereciam oportunidades para o turismo. “As trilhas que temos aqui são únicas e mostram a beleza do nosso território. Elas são uma forma de atrair visitantes que respeitam e valorizam a natureza.”

Eles também discutiram a importância da geografia do lugar. A paisagem ao redor da comunidade, com suas colinas e rios, não só molda o modo de vida dos moradores, mas também atrai turistas. “Nosso clima é bem definido em termos de estações, e isso afeta diretamente o que podemos oferecer aos turistas em cada época do ano”, explicou Jamila. “Por exemplo, durante a estação seca, organizamos trilhas ecológicas que possibilitam aos visitantes conhecerem a mata sem as dificuldades das chuvas. Essas caminhadas são uma excelente oportunidade para o ecoturismo, onde as pessoas podem ver de perto espécies nativas e entender a importância da preservação ambiental.”

## Contextualizando...

A Geografia é fundamental para compreendermos o mundo em que vivemos. Ela nos ajuda a entender como os processos naturais moldam o ambiente, como as sociedades se organizam no espaço e como os recursos naturais são utilizados. Ao estudar Geografia, podemos tomar decisões mais conscientes sobre o uso dos recursos naturais e sobre a organização das pessoas no lugar onde vivem.

Ao analisar as características físicas e humanas de um lugar, podemos identificar potenciais atrativos turísticos, auxiliando na criação de um turismo mais sustentável. Também permite entender como os recursos naturais e culturais podem ser desenvolvidos de forma responsável. A natureza enriquece a experiência do Turismo proporcionando uma compreensão mais profunda dos lugares visitados, ajudando a apreciar a diversidade de paisagens e das culturas que nela existem.

Além disso, a geografia humana estuda como as culturas, tradições e história de um lugar atraem visitantes, contribuindo para o desenvolvimento econômico das regiões turísticas. Ela também analisa os impactos do turismo no meio ambiente e nas comunidades locais, ajudando a planejar e gerenciar o turismo de maneira sustentável. As intervenções humanas na paisagem desempenham um papel fundamental no turismo.

D. Maria completou "Durante a época das chuvas, as atividades agrícolas são intensificadas, enquanto no verão, o turismo cresce devido às trilhas e passeios nos rios."

"A depender do interesse deles, os turistas podem participar de atividades de plantio e colheita, aprendendo sobre as práticas agrícolas tradicionais que sustentam nossa comunidade há gerações", acrescentou Jamila. "Isso não apenas educa os visitantes sobre nossa forma de vida, mas também reforça a importância e o valor da agricultura familiar."

"Na época de migração de aves, organizamos observações guiadas, onde especialistas locais explicam as características das espécies que passam por aqui", disse D Maria. "Isso não só proporciona uma experiência única para os visitantes, mas também ajuda a promover a conservação das espécies. Eles podem observar tatus, macacos e outros bichos daqui. Mas tudo no seu tempo".

## Você sabia disso?

*Que o turismo é bastante influenciado pelo clima? As pessoas dão preferência para viajar para determinados lugares em certas épocas do ano, por exemplo ir à praia durante o verão. No inverno, acontece o oposto, os visitantes afastam-se do litoral. Da mesma forma, o turismo é marcado por períodos de alta e baixa temporada. Outro exemplo é o público estudantil, que viaja de acordo o calendário escolar. A sazonalidade também pode ser determinada a partir da comunidade que recebe visitantes. Épocas em que as plantações exigem muitos cuidados não são ideais para visitas. A comunidade, então, decide a época de receber. A sazonalidade também pode ser ocasionada por eventos naturais ou culturais. Acompanhar os Jogos Pataxós ou a piracema só é possível em determinadas épocas do ano.*

*Os Jogos Indígenas Pataxó são uma celebração da cultura e da identidade do povo Pataxó. Ao transformar as atividades cotidianas em modalidades esportivas, esses jogos fortalecem os laços comunitários e preservam as tradições. A prática esportiva, incentivada nas escolas, prepara os jovens para os jogos e promove a valorização da cultura Pataxó em todos os seus aspectos. Para saber mais acesse Jogos Indígenas Pataxó – Pataxó (pataxo.com.br)*

## Pra refletir:

*Na sua comunidade existem épocas melhores e piores para receber visitantes? Em que meses do ano chove mais, faz muito calor ou frio? Existem aspectos do local que podem afastar turistas, como: mosquitos, dificuldade de acesso, perigos? O que a comunidade pode fazer para eliminar ou diminuir esses problemas?*

Em seguida, o grupo seguiu por uma pequena trilha que levava a um trecho de mata. D. Maria contou: “Este lugar é muito especial para nós. Aqui é o caminho para a casa de alguém muito importante, que conhece a história da nossa comunidade.”

O grupo se dirigiu para a casa da pessoa mais idosa da comunidade. Luiza perguntou: “Quais são os casos mais marcantes da história deste lugar? E quando o povoado começou a se formar?” A anciã, com memória lúcida, respondeu com detalhes. Maiara, por sua vez, perguntou sobre as ervas locais: “Quais ervas vocês usam e que remédios fazem com elas?” Teve uma resposta longa, cheia de exemplos acompanhadas de rezas e cantigas.

A prosa estava tão boa que se não fosse o chamado da liderança para o grupo seguir para a cooperativa, tinham saído de lá anoitecendo...

No final da tarde, o grupo foi até a cooperativa da comunidade, onde os alimentos produzidos na roça eram beneficiados, embalados, etiquetados e preparados para a comercialização na cidade e nas feiras como aquela na qual o grupo se conheceu.

Como já tinham terminado os trabalhos, os cooperados presentes se sentaram com os visitantes para uma conversa sobre o turismo na comunidade.

O presidente da cooperativa depois de ouvir por onde eles tinham ido e feito até aquele instante comentou que além das atividades ligadas ao meio ambiente, tinham um calendário para os visitantes que também inclui eventos que celebram

o patrimônio cultural da comunidade. “Durante o ano, organizamos várias festas e manifestações culturais, como danças tradicionais, festivais de música e feiras de artesanato”, explicou ele. “Esses eventos são planejados para coincidir com datas importantes e são uma forma de mostrar nossa cultura.”

“Como assim?” um dos visitantes perguntou. “Em agosto nós fazemos aqui uma grande festa. Coincide com a data do padroeiro e com a caminhada do povo do axé. Temos apresentações com os alunos da escola que ensaiam as danças típicas e montamos barracas para venda dos produtos. Montam palco lá na praça e tem sempre shows com artistas de fora. Vem gente de todos os arredores e vendemos tudo que produzimos e os que outros trazem para vender em uma verdadeira economia solidária, além de nos divertir também.” Uma senhora cooperada continuou: “Os meninos que conhecem a mata levam os grupos para fazer as trilhas até as nascentes e acaba que o povo se espalha por tudo que é canto...uns vão rezar a novena na igreja, outros vão tomar banho de folha no terreiro, outros vão ver como se faz as panelas de barro, outros ficam nas barracas ou na venda tomando umas... e todo mundo ganha um pouco e saem todos felizes daqui!”

O turismo cultural e ambiental não apenas proporciona uma fonte de renda para a comunidade, mas também fortalece o orgulho local. “Quando as pessoas vêm e apreciam o que temos, isso reforça nosso sentimento de pertencimento e nos incentiva a preservar nosso patrimônio”, continuou um morador cooperado, trazendo o grupo de volta ao papo sério depois das risadas e piadas que o “*tomando umas*” causou. Dona Maria lembrou também que a comunidade estava fazendo um trabalho para evitar o abuso de bebidas alcoólicas e prevenir o uso de drogas, especialmente entre os jovens.

## Contextualizando...

No Turismo, a produção de um determinado produto ou serviço pode ser um atrativo e atender ao visitante e o que sobra ser comercializado fora da comunidade. Quando juntamos diferentes possibilidades, o resultado vale mais. Um doce artesanal fica ainda mais especial quando você conhece a história e as pessoas que produziram. Ao oferecer mais produtos e serviços, atraímos mais pessoas. Um lugar que oferece apenas um tipo de atração pode ficar mais interessante quando oferece também artesanato, gastronomia e eventos culturais. Ao fabricar um produto artesanal, por exemplo, incentiva que as pessoas continuem a manter viva uma tradição e além de movimentar a economia local. A preservação dos saberes locais movimenta o comércio.

A produção associada ao turismo pode ajudar a preservar a cultura local e gerar renda para as comunidades. Exemplos de produção associada:

- Visitar uma comunidade, conhecer os animais, saborear a comida caseira e comprar produtos orgânicos.
- Combinar visitas a museus, espaços sagrados e parques com a degustação de comidas típicas e a compra de lembranças.
- Reunir artesãos de diferentes regiões para vender seus produtos e oferecer oficinas e demonstrações de suas técnicas.
- Programas que envolvem turismo sustentável e a participação em atividades de conservação ambiental, como o plantio de árvores, observação de aves, ou trilhas guiadas em reservas naturais.
- Vivências em comunidades, com atividades como a colheita de produtos agrícolas ou participação em tarefas do dia a dia do campo.

Jamila destacou como os patrimônios naturais e culturais são os diferenciais de cada localidade. “Ao entender e valorizar o que temos, podemos oferecer tipos variados de turismo, como o cultural e o ambiental. Isso não só aumenta o orgulho da nossa comunidade, mas também nos ajuda a gerar emprego e renda, mexe um pouco com nossas atividades e acaba que os mais jovens ficam em seus lugares de origem. Veja Dona Maria, voltou para trabalhar com turismo aqui e ganha o mesmo que ganhava lá na cidade. Pergunta se ela se arrepende de ter voltado?” Com risos diante da negativa de Dona Maria, todos aplaudiram a decisão.

Os visitantes ficaram impressionados com a forma como a comunidade usava suas histórias e geografia para criar experiências e atrair visitantes. “É inspirador ver como vocês transformam suas tradições e o ambiente ao redor em algo tão especial para os visitantes. Isso realmente nos motiva a querer o turismo nas nossas comunidades.”

## Momento de reflexão e debate:

*Liste quais os eventos acontecem na sua comunidade e disponha em um calendário. Perceba os meses que não existe atividades previstas e proponha algo possível para o período, aproveitando o clima da estação e as atividades culturais da localidade.mais antigas na comunidade e registre como elas contam a história do lugar.*

“Essa visita me mostrou que a história e a cultura são vivas e dinâmicas. Elas são a base para construir um futuro em que podemos nos orgulhar de quem somos e do que temos”, disse Mel.

“Eu agora entendo a importância da história e da cultura na formação da identidade de uma comunidade.” Disse Carlos. “Percebo que o entendimento entre di-

ferentes culturas, pode criar um turismo que é tanto enriquecedor quanto respeitoso. Quero ser turista muito mais vezes....” terminou ele com o sorriso nos lábios.

Maiara chamou atenção que com tantas opções a comunidade conseguiu criar uma programação que atende a diferentes interesses e destaca tanto o patrimônio cultural quanto o ambiental. “Vocês conseguiram adaptar as atividades às estações, oferecemos experiências que respeitam a cultura e o meio ambiente”. Jamila concluiu. “Isso não só fortalece nossa identidade, mas também nos ajuda a compartilhar o que temos de melhor com o mundo.”

A experiência na comunidade quilombola deixou claro que, ao reconhecer e valorizar suas raízes, as comunidades tradicionais não apenas preservam suas tradições, mas também criam um espaço para o entendimento e a troca cultural. Isso não só enriquece a vida dos moradores locais, mas também dos visitantes, que saem com uma compreensão mais profunda e respeitosa das culturas que encontram.

Os visitantes ficaram impressionados com a forma como a comunidade integrava clima, cultura e natureza em suas ofertas turísticas. Eles perceberam que um planejamento cuidadoso, respeitando as características sazonais, não apenas enriquece a experiência dos visitantes, mas também assegura a sustentabilidade e o respeito às tradições locais.

## Você sabia disso?

*Que ao conhecer e valorizar a história e a cultura do nosso povo, nos sentimos mais conectados com nossas raízes? Ao preservar o patrimônio, estamos garantindo que os nossos filhos e os filhos deles possam conhecer a nossa cultura. É assim, que construímos um futuro com mais sabedoria e consciência. Além de fortalecer a identidade cultural, preservar o patrimônio contribui conservar o meio ambiente e a economia. Áreas naturais protegidas, por exemplo, são essenciais para a manutenção da biodiversidade e dos recursos naturais, além de serem importantes destinos turísticos.*

*Para garantir a proteção desses bens tão valiosos, é fundamental a participação de todos: governos, comunidades locais, instituições culturais e cada um. Lugares com patrimônio atraem mais turistas, o que gera emprego e renda para a população local.*

*Existem alguns desafios, como o desgaste natural, posse da terra e reconhecimento dos saberes tradicionais. Mas não podemos desistir! É um trabalho de todos nós.*

*O que podemos fazer?*

- *Quanto mais conhecermos o nosso patrimônio, mais valorizaremos ele.*
- *Ao visitar um lugar importante, evite danificar as construções e os objetos.*
- *Conte para seus amigos e familiares sobre a importância de preservar o patrimônio.*
- *Incentive as pessoas ao seu redor a cuidar do patrimônio.*
- *Esteja atento às ações do governo e ONGs que oferecem recursos e apoio.*

*Preservar o patrimônio é um ato de amor e respeito pelas futuras gerações. Ao cuidar do nosso passado, estamos garantindo o futuro!*

---

## Vamos nos inspirar:

*Projeto de turismo comunitário tenta conter êxodo de quilombolas em MG*

*Turismo Base comunitária - Canoa Caiçara - Guaratuba - PR*

*Princípios da Economia Solidária (vídeo 1): Introdução*

*Ekôa Park oferece fim de semana de vivência na cultura indígena - CicloVivo*

*Ivaporunduva | Quilombos do Ribeira*

*Turismo de Base Comunitária - O pequeno e o grande*

## Atividade prática:

*Escolha junto com a turma uma dessas histórias e discuta como apresentá-la para sua comunidade.*

# Glossário

**Cultura**: é tudo aquilo que aprendemos e compartilhamos com as pessoas ao nosso redor. São nossas crenças, costumes, festas, músicas, comidas, e a maneira como vemos o mundo. A cultura é como uma identidade, algo que nos une e nos diferencia de outros grupos. Refere-se ao conjunto de crenças, valores, práticas, costumes, normas, conhecimentos, e artefatos que caracterizam e identificam um grupo social. A cultura abrange tudo o que é aprendido e transmitido socialmente, sendo fundamental na formação da identidade coletiva.

Como os grupos sociais são diversos, existem vários tipos de cultura:

**Saberes da comunidade**: podem ser entendidos como conjunto de conhecimentos, habilidades, práticas e valores que são compartilhados e transmitidos entre os membros de um grupo social específico. Esses saberes são construídos ao longo do tempo através da experiência, da interação social e da adaptação ao ambiente. Esses saberes compõem uma expressão cultural única. Então, quando visitamos uma comunidade, podemos ter acesso a elementos culturais que são exclusivos daquele, o que torna a visita mais especial.

**Identidade cultural:** é um conceito complexo que se refere ao conjunto de características, valores, crenças e experiências que definem um grupo social. A identidade envolve tanto aspectos pessoais, quanto aspectos coletivos, como a sensação de pertencimento a uma cultura, etnia, religião ou nação. Ela é formada pela história, a cultura, as relações sociais e as experiências vividas.

**Ancestralidade:** É a herança de valores, costumes, conhecimentos e traços físicos que recebemos de nossos antepassados. Essa conexão com o passado ajuda a construir nossa identidade. A ancestralidade é mais do que um simples vínculo familiar; ela é a força que nos conecta a um legado histórico e cultural, trazendo senso de pertencimento e propósito.

**Resistência:** É a capacidade de persistir e não desistir, mesmo quando o caminho é difícil. Um ato de sobrevivência. A resistência nos dá a coragem e a determinação para superar as dificuldades. É ter a força de vontade para enfrentar as dificuldades com coragem e determinação para conquistar os objetivos. É ter a capacidade de encarar uma situação difícil e buscar soluções criativas para superá-la.

**Parentes**: Pessoas que estão relacionadas por laços de família, seja por consanguinidade, afinidade ou adoção. Termo usado entre os indígenas para sinalizar uma união em torno de interesses comuns, como a luta pela autonomia sociocultural, os direitos coletivos e a história de colonização.

**Paisagem:** que abrange tudo aquilo que podemos ver e perceber em um determinado lugar. É resultante da complexa relação entre a natureza e as transformações provocadas pela ação do homem. A paisagem é um retrato vivo do território, que revela a história, a cultura e as dinâmicas sociais de uma determinada região. Por exemplo, se em uma determinada comunidade cultiva mandioca e possui uma casa de farinha, esses elementos fazem parte da paisagem. A mandioca é natural, mas o desenho das roças de mandioca é feito pela ação humana. A construção da casa de farinha também impacta aquilo que vemos. Desta maneira, a paisagem é composta por elementos físicos, como serras, rios e florestas, e por elementos culturais, como cidades, povoados, campos cultivados e infraestruturas, que se entrelaçam e se modificam ao longo do tempo.

**Clima**: é o conjunto de condições atmosféricas que caracterizam uma determinada região ao longo do tempo. Ele é definido pela combinação de elementos como temperatura, umidade, precipitação, vento, pressão atmosférica e incidência de luz solar. A formação do clima é influenciada por diversos fatores, como a localização, a altitude, a proximidade de grandes massas de água e as correntes marítimas. Alguns fenômenos climáticos acontecem em determinados meses a cada ano, por exemplo, a época de cheias e fortes chuvas.

**Sazonalidade:** Padrões recorrentes que se repetem em determinados períodos do ano, influenciados por fatores como clima, ciclos naturais e eventos culturais. As flutuações desses padrões afetam uma variedade de aspectos da vida, desde o comportamento de animais e plantas até as atividades humanas. A agricultura é um exemplo de atividade fortemente influenciada pela sazonalidade. As plantações são realizadas em épocas específicas do ano, aproveitando as condições climáticas ideais para cada cultura. Já na natureza, a migração de aves, a floração das plantas e a reprodução de diversas espécies seguem as estações do ano, alinhados com as mudanças climáticas.

**Patrimônio** é o conjunto de bens materiais e imateriais que possuem um valor cultural, histórico, artístico, arqueológico, científico, tecnológico ou social para um determinado grupo social. Esses bens podem ser tangíveis (materiais) como ferramentas, artesanato, artes, espaços sagrados, entre outros. Os bens intangíveis (imateriais) são festas populares, rezas, músicas, danças, lendas.

Os patrimônios são considerados importantes para a identidade, a memória e a coesão social de uma comunidade, sendo, portanto, merecedores de proteção e preservação para as gerações presentes e futuras. A preservação do patrimônio contribui para a valorização da diversidade cultural e o fortalecimento da identidade.

**Sustentabilidade** é a capacidade de mantermos um estilo de vida e um modelo de desenvolvimento que atendam às necessidades presentes sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades. Ou seja, é garantir que o nosso modo de vida não esgote os recursos naturais e não cause danos irreversíveis ao planeta. Esse conceito envolve um equilíbrio entre três pilares principais:

**Ambiental**: Refere-se à preservação e à gestão responsável dos recursos naturais, como água, solo, ar e biodiversidade. Envolve práticas que minimizem o impacto humano no meio ambiente, como o uso eficiente de recursos, a redução da poluição e a proteção dos ecossistemas;

**Social**: Está relacionada ao bem-estar das pessoas e das comunidades. A sustentabilidade social abrange questões como igualdade, justiça social, educação, saúde, direitos humanos e acesso a recursos básicos;

**Econômico**: Refere-se à criação de sistemas econômicos que promovam o crescimento econômico sem esgotar os recursos naturais ou gerar desigualdades sociais, equilibrando o crescimento econômico com a preservação ambiental e o bem-estar social.

A educação promove a preservação ambiental e a sustentabilidade. O turismo pode ser uma ferramenta eficaz para promover a conscientização ambiental. Ao visitar áreas naturais, os turistas têm a oportunidade de aprender sobre a importância da conservação, da biodiversidade e das práticas sustentáveis, o que pode influenciar comportamentos mais responsáveis.

**Tecnologia social** todo o produto, método, processo ou técnica criado para solucionar algum tipo de problema social, atendendo quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade (e replicabilidade) e impacto social comprovado.

**Economia solidária**. É um jeito diferente de organizar a economia, onde o mais importante não é só ganhar dinheiro, mas também cuidar das pessoas e do planeta. Ao invés de cada um por si, como costumamos ver nas empresas tradicionais, na economia solidária as pessoas se unem para trabalhar em conjunto, criando cooperativas, associações e outros grupos. As decisões são tomadas em grupo, de forma democrática, e os lucros são divididos de forma justa entre todos os participantes. A economia solidária busca ajudar as pessoas que mais precisam, oferecendo trabalho digno e oportunidades para todos. Além disso, valoriza a natureza e busca produzir de forma sustentável, sem prejudicar o meio ambiente. Ninguém é explorado, e o trabalho é visto como algo importante e todo tem a mesma importância.

A economia solidária aplicada ao turismo busca incluir grupos tradicionalmente marginalizados, como indígenas, quilombolas, agricultores familiares, ciganos entre outros. Essas comunidades podem oferecer serviços turísticos, como hospedagem, alimentação, condutores turísticos, e venda de artesanato, o que gera renda e melhora a qualidade de vida local.

Diferente do turismo convencional, onde os lucros muitas vezes não permanecem na comunidade local, os benefícios econômicos são distribuídos de forma justa entre os membros da comunidade. Isso pode ser alcançado por meio de cooperativas e associações que garantem que os lucros sejam reinvestidos na própria comunidade, promovendo seu desenvolvimento.

# Referências

**AMARAL, F. B.** *Políticas Públicas e Legislação no Turismo*. Salvador, 2017.

**BARRETO, M.** *Planejamento Responsável do Turismo*. Campinas: Papirus, 2005. (Turismo).

**BARRETO, M.** *Turismo e Legado Cultural*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2000.

**BISAN, B.** Djamila Ribeiro faz leitura que lembra memórias e raízes com Piracicaba: 'ligação familiar forte'. 26 abr. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2024/04/26/djamila-ribeiro-faz-leitura-que-lembra-memorias-e-raizes-com-piracicaba-ligacao-familiar-muito-forte.ghtml. Acesso em: 15 ago. 2024.

**BRASIL, N. U.** O que são as mudanças climáticas? Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-s%C3%A3o-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas. Acesso em: 15 ago. 2024.

**CORIOLANO, L. N. M. T.** *O Turismo nos Discursos, nas Políticas e no Combate à Pobreza*. São Paulo: Anna Blume, 2006.

**DOCAROSAMIGOS.** Entrevista explosiva com Milton Santos. 28 dez. 2016. Disponível em: https://www.geledes.org.br/entrevista-explosiva-com-milton-santos/. Acesso em: 15 ago. 2024.

**EMBRATUR BRASIL.** De arrepiar! Veja como o turismo de base comunitária transformou um quilombo Kalunga. In: [s.n.], 21 jun. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JP4jCqOldMo. Acesso em: 15 ago. 2024.

**ENTREVISTA com Milton Santos: "O sonho obriga o homem a pensar".** Disponível em: https://labs.icb.ufmg.br/lpf/Entrevista-com-Milton-Santos.html. Acesso em: 15 ago. 2024.

**FLORIDA, R.** *A Ascensão da Classe Criativa: E seu papel na transformação do trabalho, do lazer, da comunidade e do cotidiano*. [S.l.]: L&PM, 2002.

**FOLHA DE S.PAULO.** Projeto de turismo comunitário tenta conter êxodo de quilombolas em MG. Minas Gerais: [s.n.], 19 nov. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z8ncgQNvLP0. Acesso em: 15 ago. 2024.

**HALL, S.** *A Identidade Cultural da Pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

**IGANARRA, L. R.** *Fundamentos do Turismo*. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2003.

**INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA.** Glossário. Disponível em: https://portal.inmet.gov.br/glossario/glossario. Acesso em: 15 ago. 2024.

**INTERNACIONAL, C.** Conheça uma Bahia Diferente: Turismo de Base Comunitária. 13 dez. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hCGmbEaLss4. Acesso em: 15 ago. 2024.

**ISA; QUILOMBOLAS, A.** Inventário Cultural de Quilombos do Vale do Ribeira - Parte 1. 20 ago. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dS7kSj3VzhI. Acesso em: 15 ago. 2024.

**LEMOS, L. de.** *O Valor Turístico na Economia da Sustentabilidade*. São Paulo: Aleph, 2005. (Turismo).

**LEMOS, L. de.** *Turismo: Que Negócio é Esse?: Uma análise da economia do Turismo*. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

**LUZIA (org.).** *Turismo com Ética*. 2. ed. Fortaleza: FUNECE, 1998.

**MARTINS, C.** (org.). *Turismo, Cultura e Identidade*. 1. ed. São Paulo: Roca, 2003.

**MC'S, B.** Eju Orendive. Dourados: [s.n.], 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oLbhGYfDmQg. Acesso em: 15 ago. 2024.

**MENESES, J. N. C.** *História e Turismo Cultural*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

**ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA.** *Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural*. [S.l.], 1972. Disponível em: https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf. Acesso em: 15 ago. 2024.

**OS SABERES e suas práticas.** In: [s.n.]. Disponível em: https://campusvirtual.ufsj.edu.br/mooc/cienciianacomunidade/os-saberes-e-suas-praticas/. Acesso em: 15 ago. 2024.

**PATAXÓ, K.** Jogos Indígenas Pataxó. Disponível em: https://pataxo.com.br/jogos-indigenas-pataxo-3/. Acesso em: 15 ago. 2024.

**PINSKY, J.; FUNARI, P. P.** (org.). *Turismo e Patrimônio Cultural*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

**SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.** Sazonalidade e vendas: como vencer a equação. Disponível em: https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/sazonalidade-e-vendas-como-vencer-a-equacao,62ff56985ede4810VgnVCM100000d701210aRCRD. Acesso em: 15 ago. 2024.

**SWARBROOKE, J.** *Turismo Sustentável: Turismo cultural, ecoturismo e ética*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002. v. 5. (Turismo, v. 5).

**VECCHIA, F. A. da S.; TECH, A. R. B.; NEVES, G. Z. de F.** (org.). *Climatologia Dinâmica: Conceitos, técnicas e aplicações*. Rima, 2020. Disponível em: https://sites.usp.br/climatologia/wp-content/uploads/sites/267/2020/07/CLIMATOLOGIA-DIN%C3%82MICA_Conceitos-T%C3%A9cnicas-e-Aplica%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em: 15 ago. 2024.

**VIDICA, L.** Djamila Ribeiro: "Eu podia ter o conhecimento e não ter a coragem. Quando você é mulher negra, é preciso ter os dois". 22 jul. 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/djamila-ribeiro-eu-podia-ter-o-conhecimento-e-nao-ter-a-coragem-quando-voce-e-mulher-negra-e-preciso-ter-os-dois/. Acesso em: 15 ago. 2024.

**YAZIGU, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A.** (org.). *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*. 3. ed. [S.l.]: Hucitec, 2002.

Neste segundo volume do conteúdo de capacitação do Projeto Geração, vamos te ajudar a identificar, valorizar e promover o potencial turístico das comunidades em que vive, reconhecendo e respeitando a sua história, geografia, patrimônio, identidade e valores. Serão abordados conceitos teóricos e práticos com formatação de experiências turísticas sustentáveis e solidárias que gerem conexões emocionais, fortaleçam o coletivo, valorizem o patrimônio, gerem renda e promovam o desenvolvimento da comunidade.

**portalgeracao.com/site**

PROGRAMA MANUEL QUERINO DE QUALIFICAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

DIVERSIFICA INCLUSÃO & DIVERSIDADE

UFRB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

INSTITUTO FEDERAL Brasília · unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" · UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA · UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE · UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ · UFU Universidade Federal de Uberlândia · UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS · UNIVERSIDADE LIVRE DO BRASIL